

Entrevista Evaristo de Moraes Filho

Evaristo de Moraes Filho: Eu sou o único professor catedrático no Rio de Janeiro que não aceitou a anistia. Porque não fiz nada. Saí preso daqui de casa. Deixei esta mesa no dia 13 de junho de 1969, uma sexta-feira. Saí preso do meu quarto, quando dois sujeitos do Primeiro Exército me levaram. Fui solto uma semana depois. Não me argüiram, não me torturaram, não fizeram nada comigo. Em primeiro de setembro, no dia seguinte ao derrame do Costa e Silva, saiu minha aposentadoria. Sem processo, sem defesa, sem coisa nenhuma. Eu disse: “Bem, eu não sou maluco, não sou paranóico. Não fiz nada, fui preso, não fiz nada, fui aposentado, não fiz nada, fui anistiado. Eu não participo de paranóia.”

Revista Histórica: Quando o senhor entrou para a Faculdade?

EMF: Eu entrei pra Faculdade no vestibular de fevereiro de 1933. Até parece que foi no começo do mundo, 1933, e já existiam o CACO e o Diretório Acadêmico. Também existia o CAJU (Centro Acadêmico Jurídico Universitário), de um pessoal mais antigo do que eu, San Tiago Dantas, Américo Jacobino, Justo Amado, Delfino Dones, que morreu há pouco tempo, Thierry Martins Moreira. Por coincidência, essa gente toda do CAJU foi pro integralismo.

O CACO era um centro cultural, separado do diretório acadêmico. Naquela época, quando ainda não era representante dos estudantes, o melhor presidente do diretório foi um cidadão cujo nome quero destacar: Luís Antônio Severo da Costa, pai da Marieta Severo, artista de televisão. Ele conseguiu a criação do curso noturno na Faculdade, em 1936.

Depois, num período de muito entusiasmo e de muito idealismo, o CACO passou a ser o próprio diretório. Formaram-se logo as duas correntes que nós conhecemos: A Reforma e a ALA (Aliança Libertadora Acadêmica). O pessoal de direita foi pra ALA e o de esquerda pra Reforma. O CACO fez muito pelo ensino jurídico, pela democracia e pela liberdade no Brasil.

RH: Nos anos 30, que foram bastante movimentados em relação à radicalização dos posicionamentos políticos, como se dava essa disputa ideológica entre a ANL (Aliança Nacional Libertadora) e os integralistas dentro da Faculdade?

EMF: Era terrível, terrível. Eu até escrevi um livro. Havia todas as correntes na Faculdade, tinha anarquismo, comunismo, socialismo, fascismo, integralismo, católica, e com grandes lideranças. De modo que a luta era exasperada, havia briga. Houve um colega da turma, que já morreu, que de integralista passou a defender a Monarquia. Aí os integralistas o levaram para a Barra da Tijuca, que naquele tempo era um deserto, e o despiram, botaram penas nele, como Mussolini fazia na Itália com o pessoal de esquerda. Você vê que havia violência. Tinha um líder integralista na Faculdade, rapaz forte, que até saqueava os professores.

RH: O senhor ainda era aluno de lá, era seu último ano quando ocorreu o golpe do Estado Novo e três professores são afastados...

EMF: Castro Rebelo, Leônidas Resende e Hermes Lima foram presos em 35, quando houve a Intentona Comunista. Só voltaram em 45, quando caiu o Estado Novo.

RH: Os três eram militantes ou apoiavam a ANL?

EMF: Não, não eram. O Castro era mais teórico marxista e o Hermes Lima socialista. O que era mais marxista no sentido prático mesmo, jornalista, era o Leônidas Resende (Introdução a Ciência do Direito). Ele dava aulas com entusiasmo. Você saía de lá com vontade de fazer a revolução naquele momento. “Não sou eu quem diz, é a ciência”.

RH: Qual foi a repercussão do afastamento desses três professores na Faculdade? Eles eram muito populares, não eram?

EMF: Ah, eram! Foi terrível. O Castro Rebelo era a cabeça da Faculdade, o mentor, o chefe. A repercussão foi grande, mas a questão é que estava na chefia da polícia um sujeito que não brincava em serviço. O pessoal era preso, torturado, de modo que havia um certo cuidado. Eram presos no escritório, em casa...

RH: Mas nesse momento, todos os estudantes das mais diversas facções se uniram, não é?

EMF: Exato, exceto pelos integralistas. Esses continuaram mesmo a favor da prisão. Havia por parte deles um ódio, uma luta ideológica muito forte.

RH: E quais as acusações contra os três professores?

EMF: Eram comunistas, o braço de Moscou aqui...

RH: Mas algum deles chegou a ser ligado a partido?

EMF: Leônidas foi o único. Foi até para um jornal comunista: “A Nação do Tempo”, do Washington Luís, em 1927.

RH: Algum deles chegou a ser torturado?

EMF: Não, nenhum deles. Aliás, vocês podem ler tudo em “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos.

RH: O senhor mencionou o movimento integralista...

EMF: Eu era de esquerda, Dante Viggiani, Délio Maranhão e eu. Nós fundamos em 1934 uma revista chamada “Idéia”. Eu não tinha poder nenhum, mas os artigos eu escrevia. Publicávamos umas quatro ou cinco por ano. Havia também a revista “A Época”, que saía umas três vezes por ano. Tinha ainda a revista dos integralistas. A jurisprudência cultural era muito grande.

RH: A revista “Idéia” tinha no conteúdo mais assunto jurídico-político ou falava de problemas internos?

EMF: Mais político... Era uma revista de esquerda socialista de reforma social distribuída na Faculdade toda, para todos os alunos. Nós queríamos uma mudança.

RH: Havia uma grande disputa entre grupos políticos, uma radicalização nesse período. O senhor poderia traçar um panorama geral, dizendo qual era a corrente ideológica mais forte entre os alunos, o pensamento conservador ou de esquerda?

EMF: A de esquerda, porque basta dizer que Alzira Vargas foi ser aluna de Introdução à Ciência do Direito com um professor de direita, ela pediu para ser transferida para turma do Castro Rebelo, um homem de esquerda. Filha do ditador, filha do Presidente da República, ela pediu. O próprio Getúlio, até a chamada Intentona Comunista, dava liberdades, havia liberdade ideológica no Brasil. Depois, quando houve o movimento, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) fez muitos comícios, meu pai mesmo falou num deles, fez muitos comícios, movimentos de filiação.

RH: O senhor foi filiado à ANL?

EMF: Não, por uma razão muito simples: já era funcionário do Ministério do Trabalho. Comecei a trabalhar com 19 anos, secretariava as Comissões Mistas de Conciliação, que, de tão fracas para conciliar, as chamávamos de “místicas”, Comissões Místicas de Conciliação.

RH: Retornando ao período em que o senhor estudou na Faculdade, quais foram as principais lutas externas – o senhor mencionou algumas coisas que estavam acontecendo no país e no mundo – e lutas dentro da Faculdade? Vocês estavam enfrentando algum problema acadêmico-administrativo na Faculdade?

EMF: Que eu me lembre, não.

Quando rompeu a Revolução Espanhola de 36 a 39, claro que a esquerda ficou com os republicanos. Nós ficamos com o governo da Espanha e não com Franco. Os outros ficaram com o Franco.

O princípio do Estado Novo foi terrível. Nós falávamos a favor dos trabalhadores, falávamos da incipiente Legislação do Trabalho e dos direitos da mulher. Havia poucas moças na Faculdade, eram uns 300 e tantos alunos por turma e havia no máximo umas 20 moças. Todos nós usávamos chapéu, pra você ver como era a história...

Nós éramos contra o “status corpus”, queríamos mudança. O Getúlio era curioso: até 35 ele foi progressista. A mulher começou a votar no Brasil de 32 pra cá, o Código Eleitoral é de 32 e o autor do projeto do Código era professor da Faculdade: o João Tirochiro Cabral, de Direito Comercial.

RH: Como era o relacionamento dos estudantes da FND com as demais Faculdades? Como era o meio universitário dessa época? Havia um movimento geral organizado?

EMF: A atmosfera era muito boa porque havia a Casa de Estudantes, fundada por Ana Amélia Carneiro de Mendonça, a rainha dos estudantes. O grande líder daquela época, o maior orador que eu ouvi até hoje, chamava-se Carlos Lacerda. Era um sujeito magrinho, com um vozeirão, que subia nos postes e fazia discursos fabulosos. Ele dirigia o “Socorro Vermelho” e a Revista “Rumo da Casa do Estado”, que ficava no Largo da Carioca. O movimento estudantil era numeroso, havia muito intercâmbio entre os estados, muita comunicação.

RH: Qual foi a repercussão do Estado Novo em 37 no ambiente da Faculdade?

EMF: Foi terrível, uma tristeza! Não houve intervenção na Faculdade, mas os professores de tendência esquerdista foram afastados. Então a Faculdade começou a contratar gente de fora, gente sem concurso, de maneira que caiu muito a qualidade. Mas o Estado Novo foi repellido.

Uma coincidência muito curiosa sobre o dia em que nós nos formamos, 3 de dezembro de 37, foi o dia em que a Alzira Vargas, filha de Getúlio, se formou. Foi o dia em que Getúlio fechou o integralismo. A partir de então, não havia mais nenhum partido político no Brasil. Estava instalada a ditadura unipessoal e caudilhista do Getúlio Vargas e seus amigos.

RH: Agora uma questão pessoal, o senhor falou que com 19 anos já trabalhava no Ministério do Trabalho, mas a família do senhor tem uma inclinação maior pelo Direito Penal...

EMF: É, mas o meu pai trabalhou as duas matérias. O primeiro livro de Direito do Trabalho foi de autoria do meu pai, "Apontamentos do Direito Operário", de 1905. Ele foi também um grande advogado criminal, que deixou muitos livros de Direito Penal. Morreu em 30 de junho de 39, com 67 anos. Depois, o meu irmão mais moço, o último filho do meu pai, que morreu em 28 de março de 97, ficou só no Direito Penal e eu fiquei só no Direito do Trabalho.

Em Direito Penal meu pai era avançado, principalmente quanto à prisão, à penitenciária, às torturas, aos castigos, à pena de morte... Ele sempre foi um homem de liberdade, basta dizer que quando ele morreu, na família não havia dinheiro nem para enterrá-lo. Tivemos que fazer uma vaquinha entre amigos para comprar uma urna funerária para ele. O enterro foi no Instituto dos Advogados, dia 1º de julho de 39.

RH: Pelo Estatuto do CACO de 1996, a nossa sala de reuniões é batizada com o nome do seu pai, tem até um quadro dele. Foi com o seu pai que o senhor tomou gosto pelo Direito do Trabalho?

EMF: Foi ele que me colocou no Ministério do Trabalho. O ministro era Joaquim Pedro Salgado Filho, um gaúcho amigo de Getúlio.

RH: Antes de ingressar na Faculdade, o senhor se envolveu de alguma forma com movimento estudantil ou movimento de esquerda?

EMF: Não, eu vim de um colégio militarizado, mas não colégio militar. Depois, em 45, quando veio a liberdade política no Brasil com a queda do Estado Novo, nós fundamos um partido. Se você pegar esse dicionário político-bibliográfico de 5 volumes, a 2ª edição da Fundação Getúlio Vargas, lá na pasta "Partido Socialista e União Socialista Democrática", um dos fundadores sou eu e o outro era um trotskysta. O principal chefe no Brasil era o Mário Pedrosa, um grande crítico de artes, um homem de muito valor.

RH: O senhor ainda estava na Faculdade na época da criação do movimento da Reforma?

EMF: Não, eu já estava fora da Faculdade.

RH: Mas o senhor pegou pelo menos o embrião do que viria a ser esse movimento?

EMF: Embrião éramos nós. Severo da Costa, Olavo Mascarenhas, Nelson Guimarães Barreto...

RH: Como essas pessoas foram se aproximando?

EMF: Primeiro havia a influência dos professores de esquerda, que era muito grande. Eles eram os mais brilhantes. Leônidas era um ator excelente, um homem brilhante, inteligente que nem o diabo. Castro Rebelo era de uma segurança inabalável, fabulosa, e Hermes Lima, que entrou pra Faculdade em 34, muito moço, foi um grande professor. De modo que nós sofriamos essa influência e éramos majoritários na escola. Depois desse último movimento, um pouco antes da Revolução de 64, o grande nome do CACO foi Alexandre Addor Neto. O pai dele foi meu colega de turma. Era sargento do Exército, mais velho do que nós. Já morreu há muito tempo. O Alexandre teve de entrar pro Itamarati através de entrância judicial, porque foi impedido. Ele foi uma grande figura; trabalhei muito com ele na Reforma, dei aula de Sociologia no pré-vestibular, lá naquele salão grande da Faculdade. Alexandre era um homem de muito valor.

RH: Quando o senhor retornou para Faculdade, como estava o quadro político na época?

EMF: Eu voltei como livre-docente em 53, e como catedrático em 57. O quadro estava triste! O Castro Rebelo se aposentou em 54; ele era de 1884, fez 70 anos em 54. O Hermes Lima era deputado no Palácio Tiradentes e a Faculdade estava caminhando para a direita. Aqueles professores que Getúlio contratou no Estado Novo, alguns fizeram concurso e ficaram na Faculdade. De modo que estava bem diferente, bem decadente.

RH: O movimento político dos alunos, as facções, como é que estavam?

EMF: De certa maneira continuava, não esmoreceu não. A Reforma tinha o Addor e outros que eu não me lembro o nome, gente boa. Mas, como era natural, a posição de direita era forte.

RH: A placa que o senhor inaugurou foi em que ano?

EMF: A minha placa foi em 61. Tinha uma do meu pai entre aquelas janelas que dão pra rua. Era pequenininha, a minha era maior.

RH: Parece que de todos os alunos que foram entrevistados desse período, principalmente os do CACO, todos ressaltaram que o senhor era, nos anos 60, o professor que mais inspirava os alunos a ter um pensamento crítico, contestador. Qual era o relacionamento do senhor com os estudantes, a que se dava esse prestígio?

EMF: Primeiro, eles vinham aqui em casa, e eu emprestava livros, trocava idéias, fazia conferências lá, brigava com os professores de direita...

RH: E qual é a diferença entre militar como aluno, e depois, do outro lado, como professor? Que dificuldades e que facilidades você encontrou com os demais professores conservadores e com a Direção? Porque, sem dúvida, um professor tem poder de influência muito maior do que o aluno.

EMF: O professor era mais vigiado, mais controlado porque ele é funcionário público, logo, é mais fácil ser denunciado, perseguido... E, na Congregação, havia sempre esse interesse. Não pensem que há pureza nos concursos, as bancas são feitas sob medida e eu briguei muito por causa disso, muito mesmo. Docentes que nunca fizeram concurso administrativo, era uma luta cotidiana terrível.

RH: O senhor sentia claramente retaliações por ser professor?

EMF: Sim, claro. Eu fui preso em junho de 69. O governo jogou bombas nos estudantes nos movimentos de 68, no Instituto de Filosofia, pelo movimento Mão Branca da América Central, que queria derrubar o presidente da Nicarágua. Desde que o Brasil foi descoberto está nas mãos das mesmas elites. Os governos do Brasil são imperativos, recorrentes e não se resolve nada, não se caminha, fica-se patinando no molhado.

RH: Na sua visão de professor progressista, qual foi o papel do CACO nesse processo? O CACO dava apoio, respaldo a esses professores?

EMF: Ah dava, dava. Lutava a favor da liberdade, contra a ditadura, contra o golpe de Estado, não tenha dúvida. A Faculdade tem a tradição como você diz, a tradição de luta, a tradição de progresso, tradição de liberdade e deve continuar. Mas era muita covardia, porque as prisões se faziam em massa, torturas, demissões e tudo sem culpa formada, sem defesa.

RH: A análise da sua carreira jurídica, sem dúvida, é uma das mais brilhantes do país. Qual foi a influência da herança que essa participação política dentro da FND como aluno e como professor trouxe pra sua carreira, que aprendizado?

EMF: Isso marca a gente pro resto da vida, e você que apóia é combatido porque quem dirige o Brasil até hoje é a direita organizada. Quando eu entrei pra Academia Brasileira de Letras, em 15 de março de 84, disseram: “Não. Ele é comunista! Não podemos botar ele aqui”. E eu, de 39 eleitores, tive 37 votos, dois em branco. Comunista e isso e aquilo, e eu nunca fui de partido comunista.

Por exemplo, o Pedro Calmon, que não era de esquerda de jeito nenhum, também foi acusado de comunista, mas ele não tinha nada disso. Ele era um homem rico, de família rica e tal. Foi Reitor da Universidade durante 18 anos, e era aberto a todas as correntes, muito favorável ao estudante. Quando a polícia em 56 mandou invadir a Faculdade, ele se armou de revólver e foi lá e disse pra polícia: “Aqui só se entra com vestibular”. De modo que era um homem assim aberto. O que a gente pede não é ideologia fanática não, o que a gente pede é democracia, liberdade, é isso o que a gente pede, mais nada do que isso. Porque aí a Ciência ganha, a verdade científica sempre ganha. Dizia o Cervantes no Quixote, que “a verdade pode tardar, como ouro no centro da Terra, mas um dia ela aclara”. De modo que havendo liberdade de expressão, liberdade de ensino, liberdade de debate, quem lucra é o progresso, a Ciência, não tenha dúvida. Falei no Calmon porque ele foi um grande Reitor, até hoje não houve um Reitor como o Calmon, ele não era um homem de esquerda, mas era um homem democrata. Ele foi um dos que foram acusados de comunistas, em 64, e ele respondeu a processo.

RH: Mas e quanto a marcas positivas em termos de aprendizagem, experiências políticas?

EMF: Há uma frase de um padre de uma universidade pública no começo do século XX, padre Júlio Maria. Ele dizia: “Todo homem deve ter uma marca, nem que seja do diabo”. Na Faculdade, lidei com muitos cidadãos oportunistas. Acho que vocês devem continuar lutando e defendendo o nome da Faculdade, seja numa revista.

RH: Voltando ao assunto da Faculdade parece que teve um problema com uma aula gravada do senhor, é verdade isso?

EMF: Foi de uma mancada, eu dava aula naquela sala grande no 4º andar. Maria Teixeira Vargas o nome dela, nunca mais esqueci o nome dela, uma pobre diaba, vai ver foi ela quem gravou. Ela tinha sido antes amante de um cidadão de esquerda, depois o sujeito brigou com ela, ela era muito feia. Ela, pra se vingar, fez um movimento contra toda esquerda. Nem quiseram abrir processo contra mim, fui aposentado sem processo.

RH: Quais são, para o senhor, como grande estudioso da realidade brasileira, as principais conseqüências, para a inteligência brasileira, da ditadura militar, desse fascismo que se instalou?

EMF: Ah, foi um atraso terrível para o Brasil. Havia censura de livros, de artigos, foram anos de chumbo, de silêncio, atrasou muito o Brasil. Acabou com todas as lideranças civis no país, não havia liberdade de imprensa, mas muita corrupção. Isso que a gente sabe.

RH: No período de 64, o senhor foi expulso da Faculdade por causa de um discurso que o senhor fez, o senhor ia pra sala de aula e continuava fazendo discurso. mesmo depois do AI-5. O golpe militar fez com que o senhor mudasse sua postura em sala de aula ou não?

Evaristo: Não, de jeito nenhum. Todas as duas disciplinas que eu era professor eram visadas pelo regime militar. Sociologia e Direito do Trabalho, duas disciplinas críticas e de reforma. A Sociologia mostra qual é o estado social do país, de miséria, de excluídos, de abandono, das desigualdades sociais, qualquer pesquisa que se faz, a gente vê isso logo, favelados e tal. E Direito do Trabalho é um Direito que eu dizia sempre em aula e digo hoje, vocês levem essa frase, “só haverá justiça social quando o trabalho igualar a propriedade da segurança individual”. Quando o trabalho garantir o sustento do trabalhador da mesma maneira que a propriedade garante a do proprietário. Porque quem dispõe só da força de trabalho é um pobre diabo. Agora quem é proprietário, vocês estudaram Direito Civil e sabem que a propriedade é um direito universal, *erga homines*, um rochedo que todo mundo bate e tem que respeitar a propriedade. De modo que, enquanto o trabalho não der nenhuma garantia de vida que a propriedade dá, não há justiça social. E isso eu talvez não veja, porque eu não estou mais em idade pra ver e talvez vocês também não vejam. Mas a gente tem o direito de ser utopista, porque a utopia de ontem é a realidade de hoje. Quer dizer a gente tem que sonhar, jogar para adiante.

RH: E o senhor como grande estudioso de Direito do Trabalho, do Direito Positivo, mas também da Sociologia e da Filosofia, uma das críticas que se faz ao ensino do Direito é que é um ensino muito técnico, voltado para os concursos públicos, como o senhor vê o ensino jurídico hoje? O senhor sendo um estudioso como vê a importância desse estudo, dessa abordagem mais crítica e humanista do Direito?

EFM: Exatamente. Hoje mesmo eu encomendei, estão em cima da minha mesa do escritório, três livros da Livraria do Advogado de São Paulo. Nesse sentido, meu filho, Antônio Carlos, está fazendo isso na PUC, levando os dados sociais, os dados econômicos, políticos, as noções filosóficas, mostrando que o Direito, a lei não esgota o Direito, às vezes é contra o Direito. O slogan da formatura da turma de 51, na Faculdade, era muito bom: “Pelo Direito sempre, pela lei às vezes”. Assim fica mais bonito, né? E o tecnicismo jurídico, o positivismo jurídico é isso, é o que o regime militar fazia, a lei para eles era a justiça quando nós sabemos que não é. A lei é feita pela classe dominante, pela classe dirigente, todo mundo sabe disso. De modo que às vezes o que há de mais injusto é a lei, nós temos que fazer no sentido crítico do Direito.

RH: Gostaríamos que o senhor, enquanto jurista, deixasse uma mensagem final para os alunos da FND, no intuito de incentivar a luta pela efetivação dos direitos sociais.

EFM: A mensagem que eu dou é essa que eu dei durante toda minha fala hoje com vocês. A favor da liberdade, da igualdade de expressão, da liberdade crítica e um sentido progressista, um sentido de melhorar a condição humana, a qualidade de vida. E no Brasil, principalmente, ver se é possível com ardor, com sacrifício, mesmo acabar com os excluídos, com a miséria e sobre tudo dedicação ao estudo. O estudo no sentido crítico, no sentido de envolver o Direito pelos seus fundamentos básicos, sociologicamente, filosoficamente, criticamente e não ficar só na letra da lei, no Direito Positivo, na jurisprudência, no interesse imediato do CACO, do concurso, nada disso. De modo que eu acho que pode não dar resultado a curto prazo, mas dará a médio e a longo prazo e tem que mudar toda mentalidade de estudo de gerações que vão se formando, como era antigamente. Essa é a minha opinião”.